

São Paulo pode negar *estrela* à frente pró-Lula

RENATO FALEIROS

De São Paulo

A pesar da indefinição que voltou a marcar o dia político, as lideranças de esquerda retomaram ontem as conversas sobre possíveis alianças para o segundo turno da eleição presidencial. Uma das iniciativas partiu do próprio candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, seguro de estar classificado para a próxima fase da disputa, pelo menos até ontem à noite. Lula já entrou em contato com o senador Mário Covas e com o deputado Roberto Freire, os dois ex-candidatos mais simpáticos à idéia de uma aliança com o PT.

Enquanto as conversas de Lula eram rápidas e informais, os contatos de outros dirigentes do PT se aprofundavam ao longo do dia. Na ponta do processo preliminar das negociações está o líder do PT na Câmara, deputado Plínio de Arruda Sampaio, que voltou a conversar com parlamentares do PMDB, do PSDB e até mesmo do PFL. Plínio procura pavimentar o caminho do PT antes das negociações formais sobre possíveis acordos, sempre na perspectiva da presença de Lula no segundo turno. Até agora, o líder do PT na Câmara tem recebido demonstrações de boa vontade principalmente de políticos do PSDB e do PMDB.

A impressão inicial do líder petista foi reforçada ontem com as declarações de simpatia por Lula manifestadas novamente pelo deputado Ulysses Guimarães, pelo governador Miguel Arraes e pelo ex-governador Waldir Pires. Mais decididos do que eles pelo apoio do PT estão os integrantes do grupo Novo PMDB, onde as pontes lançadas por Plínio e outros parlamentares do PT estão armadas, prontas para unir Lula e os possíveis novos aliados.

Quércia — Sempre acreditando que está a um passo do segundo turno, o PT já começou também a calcular as implicações políticas que terá em São Paulo uma aliança com setores do PMDB. A grande dúvida é o comportamento do governador Orestes Quércia, inimigo declarado dos petistas no Estado, aliado circunstancial de Leonel Brizola já no fim da campanha para o primeiro turno e contrário à aproximação do PMDB com o PT. Na avaliação de inte-

Incerteza quanto

à posição do

governador Orestes

Quércia persegue

os petistas que

negociam adesão

dos progressistas

do PMDB

grantes do grupo Novo PMDB e dos próprios dirigentes petistas, Quércia deverá ficar "em cima do muro se o segundo turno for entre Collor e Lula. Depois da eleição, cuidaria de ocupar os espaços deixados pela esquerda do PMDB na tentativa de comandar a legenda nas eleições do ano que vem.

De qualquer modo, o PT não poderá hostilizar nenhum setor do PMDB, na opinião de dirigentes petistas empenhados na política de alianças do partido. Os assessores políticos de Lula temem um gigantesco trabalho de Fernando Collor na tentativa de minar todos os acordos do PT à esquerda e na direção da centro-esquerda, principalmente entre os "tucanos" de Mário Covas, tratados pelos "colloristas" de "sociais-democratas".

Os petistas já sabem, por exemplo que Collor não deverá explorar a velha e desgastada tática do anticomunismo para derrubar Lula. O trabalho de desestabilização vai seguir a linha do alerta contra a "política do grevismo" do PT, de acordo com os planos que vêm sendo traçados pelos articuladores políticos de Collor, também na perspectiva de Lula no segundo turno. Por causa disso é que a coordenação política da campanha de Lula deverá nos próximos dias manter uma séria conversa com os dirigentes da CUT — Central Única dos Trabalhadores, com o objetivo de evitar o envolvimento propagandístico e material da máquina da entidade na campanha do PT. Os petistas entendem que, se chegarem lá, qualquer cochilo será fatal.



Moreira, Arraes e Waldir, na casa de Márcio Braga: reflexo das urnas